

**O tempo dos horários-limites (*deadlines*)
nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo**

Trabalho apresentado ao NP 02- Jornalismo, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

Maria da Graça Bernardes e Silva- Universidade Anhembi Morumbi, docente.

A Autora é doutoranda da ECA/USP em jornalismo. Mestre pela UFSC. Coordenadora e professora de jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi.(SP). Finalista do Prêmio Intercom/2003 em jornalismo, categoria mestrado com a dissertação “ O fator tempo no jornalismo impresso”. E-mail: mgbs1@ig.com.br.

Resumo

Neste artigo, destacamos a inserção do fator tempo no jornalismo impresso, especialmente nos horários-limites, os chamados *deadlines*, em dois grandes jornais brasileiros: O Estado de S. Paulo (OESP) e Folha de S. Paulo (FSP), fundados em 1875 e 1921, respectivamente. Os horários-limites sofrem a influência do tempo moderno, cronometrado e industrial. Nos dois jornais pesquisados há uma interpretação específica de percepção do tempo que é caracterizado por ciclos estruturados em função de marcos temporais, estabelecidos por horários-limites de fechamento.

Palavras-chave

Jornalismo; tempo; horário-limite; *deadline*, manuais de redação.

Corpo do trabalho

O tempo dos horários-limites (*deadlines*) nos jornais Folha de S. Paulo (FSP) e

O Estado de S. Paulo (OESP)

É um tempo de trabalho prescrito. É um tempo característico do jornalismo impresso – no entanto, adotado também em outros meios – marcado pela cadência da atividade produtiva, pela intensidade do tempo de trabalho inserido em determinada duração: os horários-limites. É um tempo de trabalho exaustivo, estressante e central. Exaustivo porque requer retrabalho; estressante porque há um horário-limite de fechamento a ser cumprido diariamente e central porque é administrado por cada editor, no momento em que ocorre o fechamento diário, ou seja, na sua duração.

Verifica-se, no fechamento, um clima de tensão no ar. As pessoas ficam mais agitadas. Há muita cobrança. De texto, título, foto, gráfico, com o objetivo de fazer a edição ficar pronta em seu horário.

Poucos produtos exigem tanta sincronização de esforços para cumprir o prazo de entrega como o jornal. Enquanto, para a maioria dos produtos, a unidade de tempo relevante é o dia, a semana o mês, a medição do tempo das etapas de produção do jornal deve ser efetuada em minutos.

O ciclo de produção envolve o uso de diversas tecnologias, vários equipamentos especializados e profissionais. Por esse motivo, no meio editorial, fala-se do

estresse do jornalismo, resultante da constante pressão do tempo sobre o meio impresso.

Girin Escreve: ¹

“Uma organização é um local para o qual são trazidos, e no interior do qual são reproduzidos e produzidos, esquemas de conhecimento, instrumentos de análise e corpos de conhecimento mais ou menos sistematizados (que variam da simples habilidade até o saber formalizado e transmissível por meio de manuais) sobre o ambiente, a tecnologia, a própria organização (enquanto esquema de ação e universo social) e a psicologia dos indivíduos. Em graus diversos, neste local existem conhecimentos sobre todos os aspectos do funcionamento organizacional e de sua inserção no universo que o rodeia” (*cit. in* Chanlat. 1996, p. 35)

Os horários-limites (*deadlines*) ou horários de fechamento dos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo existem para orientar a redação e fixar o horário-limite de cada editoria no ciclo diário de produção de notícias.

Escreve Senra:

“No jornal a escrita apenas anota a escansão temporal, registra uma sucessão que nada acumula ou transforma: **no jornal é o tempo, e só o tempo, que confere sentido à escrita**” (1997, p. 99).²

De acordo com pesquisa, verifica-se, a concentração dos horários-limites das diversas editorias, nos dois jornais, no período noturno das 19:30 até às 23 horas. No entanto, determinados cadernos – segmentados e variáveis de acordo com o dia da semana – podem ter seu fechamento-limite às 14:30 horas, por exemplo.

O horário-limite (prazo de entrega) da primeira página, no entanto, pode ultrapassar às 23 horas. A capa é o rosto do jornal e mostra, sem disfarces, o entrelaçamento com o tempo, fator que denota a atualidade da notícia, ao mesmo tempo, o seu caráter perecível.³

¹ GIRIN, Jacques. *A linguagem na organizações: signos e símbolos*. In: Chanlat (1996). P.35.

² Grifo próprio da publicação.

³ Segundo Roberto Gazzzi, diretor-executivo do jornal OESP, soluções tecnológicas permitem que sejam trocadas manchetes e/ ou fotos da primeira página após o seu deadline sem prejudicar a edição final do jornal.

Podemos dizer que o tempo do jornal é um tempo próprio – ainda que os outros meios tenham também seus horários de fechamento – característico e específico do meio impresso, acima de tudo, de caráter controlador nos dois jornais observados.

Oportuno mencionar Medina em seu estudo sobre o Jornal da Tarde em que aborda a questão dos horários de fechamento:

“é recente o trauma que primeiro os editores do Jornal da Tarde e depois os do O Estado de S. Paulo sofreram com a fixação de horários de fechamento das páginas nos chamados prazos-limites”(…) (cit in Taschner, 1992, p. 94).

Antes do tempo de normas, o fazer jornalístico não sofria uma influência tão rígida do relógio. Os textos podiam ser trabalhados no correr das horas. Com a fixação de padrões, impostos principalmente por manuais e pela adoção de novas tecnologias, os meios impressos, especificamente os jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo, obedecem aos padrões industriais estabelecidos por seus gestores.

Verifica-se, na Folha de S. Paulo como em O Estado de S. Paulo – que utiliza também programas de qualidade– obediência aos padrões gráficos. Há regras para titulação de textos, para a disposição deles nas páginas, assim como de fotos, gráficos, tabelas. As regras garantem a formatação do produto final nos horários estabelecidos.

Diz o Manual da FSP:

“Dentro dos limites dessa formatação gráfica, compete à edição buscar as soluções mais criativas para expor os assuntos, seja na elaboração dos títulos, seja na produção das imagens fotográficas e desenhos ou na composição visual do conjunto”. (2002, p. 35).

Segundo Traquina (2001), pesquisa feita no âmbito da teoria organizacional no sentido de investigar as variáveis que podem intervir no funcionamento da empresa, indica:

“O tamanho da empresa influencia: a) o grau de especialização dos jornalistas – havendo mais especialização nas grandes empresas; b) a dinâmica comunicacional dentro da empresa – havendo menos comunicação interativa nas grandes empresas; c) o grau de autonomia dos jornalistas – havendo mais autonomia nas pequenas empresas porque há diferentes estruturas de autoridade. Nas pequenas empresas, a estrutura é mais flexível, enquanto nas grandes empresas as estruturas de controle são mais formais e mais centralizadas”. (2001, p.80).

Os dois jornais, Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo, fazem diariamente, relatórios sobre os horários de fechamento de cada editoria no dia anterior. O objetivo dos relatórios é controlar o fechamento e fazer com que os *deadlines* sejam respeitados. O assunto é abordado no “controle de fluxo” do manual FSP:

“A **Folha** mantém controle diário do ritmo com que as equipes editam as reportagens e concluem a edição.”(...) (p.110).

O assunto horário-limite não é abordado, de forma explícita, no manual do jornal O Estado de S. Paulo. Uma das razões é que na “parte jornalística propriamente dita, detalhes dispensáveis sobre leads, títulos, reportagem, etc., foram poupados do leitor” (p. 14). Segundo pesquisa, verifica-se, que o controle dos horários-limites, também estabelecidos por normas gerenciais, é feito por meio de relatório diário.

O Estado de S. Paulo tem duas edições diárias: as edições Brasil e S. Paulo. De acordo com Roberto Gazzi, a primeira edição gira ao redor das 20 horas e a segunda, em que há uma atualização, em torno das 21:30 horas.

Com relação à primeira página, cujos horários-limites são de 20:15 e 23 horas, na primeira e segunda edições, respectivamente, normalmente há atrasos nos fechamentos diários. Os números indicam o real controle administrativo da produção.

Com relação a primeira página, ela é a mais importante do jornal, condensa em sua edição um resumo de todo o jornal e principalmente exige, para ser feita, atenção redobrada para se evitar erros de conteúdo e de digitação, principalmente.

Os manuais da FSP e OESP, de domínio público, são importantes ferramentas de controle de tempo no ciclo produtivo de feitura dos jornais. Mesmo o que tem

como enfoque a padronização de estilo, caso do manual OESP, tem por objetivo criar fôrma/modelo, o que facilita o processo de edição, diminuindo etapa de copidesque, (reescrevedores de texto) por exemplo.

O processo produtivo dos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo são inerentemente complexos. Até chegar ao leitor, a feitura do jornal requer várias etapas de produção. De um modo sintético, o ciclo produtivo direto está assim estabelecido: a informação jornalística é elaborada na redação e passa pela editoração. A editoração, por sua vez, está ligada aos setores de operação e produção (transporte e manuseio de papel, manutenção), e estes à distribuição (fornecedores), e o jornal segue rumo ao leitor com apoio dos setores de circulação e marketing.

Em razão do emprego de novas tecnologias, o ciclo produtivo acima descrito vem sofrendo modificações. A utilização de editoração eletrônica pelos dois jornais possibilita o controle maior sobre o trabalho em toda a redação e a possibilidade de atuação de toda uma equipe.

Uma matéria que esteja sendo preparada, por exemplo, em Tóquio, no Japão, por um repórter conectado ao Sistema Hermes, por exemplo, utilizado pelo jornal O Estado de S. Paulo, torna-se instantaneamente disponível para todos os usuários do sistema, independentemente da localização geográfica de cada um dos envolvidos. Assim, a direção do jornal possui mais autonomia para coordenar as edições e alterá-las de modo instantâneo.

No jornal O Estado de S. Paulo, a implantação do sistema Hermes, da Unisys italiana, foi iniciada em 1997. Entre outras vantagens, o novo sistema eliminou o past-up (montagem manual), pelo qual grande parte do processo de produção era feito com o uso de estiletes para recortar textos e imagens que posteriormente eram colados para montar o fotolito final.

No caso da Folha de S. Paulo, um sistema elimina o uso de filme fotográfico na montagem do jornal. As novas tecnologias colocadas em prática e controladas pela gestão permitem ganhos de tempo no fechamento final da edição.

Ainda que atrasos sejam característicos do ciclo produtivo do meio impresso, há ganhos de tempo com a redução de ciclos de produção ao longo do dia, o que facilita o processo de montagem das páginas do jornal.

O uso de tecnologia de informação nos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo possibilitou o trabalho jornalístico sem restrição geográfica. O repórter de qualquer lugar pode conectar-se à redação via Internet e trabalhar integrado aos demais membros de equipe, acessando todos os recursos, como se estivesse na redação do jornal.

No caso específico da redação, a editoração eletrônica permite que o repórter finalize o texto, pois sabe quantas linhas têm sua matéria, qual o seu formato na página. Na verdade, o repórter escreve diretamente na página desenhada na tela do computador já com os espaços reservados para os títulos, legendas de fotos, por exemplo. A visualização do que será impresso é real com fotografias coloridas, leiaute, arte, gráficos, por exemplo. Com isso, agiliza-se o processo de feitura do jornal e o cumprimento, rigoroso, dos *deadlines*. O repórter, por sua vez, elabora a matéria com a possibilidade de experimentos e interações sucessivas para depurar o resultado final.

Bibliografia

CHANLAT, J. (Coord.). **O indivíduo na organização**: dimensões esquecidas. Tradução: Christina T. Costa, Maria Helena C. V., Ofélia de Lanna Sette Tôres. São Paulo: Atlas, 1996. Original Francês.

DINES, A. **O papel do jornal**: uma releitura. 6. ed. São Paulo: Summus editorial Ltda. 1986. (novas buscas em comunicação ; v. 15)

FLEURY, M.; FISCHER, R. (Coord.). **Cultura e poder nas organizações**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GAZZI, R. **Entrevista concedida pelo Diretor-Executivo do Jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo, 10 jul., 2002.

GIRIM, J. A linguagem nas organizações: signos e símbolos. In: CHALAT, J. (Coord.). **O indivíduo na organização**: dimensões esquecidas. Tradução: Christina T. Costa, Maria Helena C. V., Ofélia de Sanna Sette Tôres. São Paulo: Atlas, 1996. Original Francês. p. 35.

KYNASTON, D. **The Financial Times**: A centenary history. New York: Viking Penguin Inc, 1988.

MANUAL de redação: Folha de São Paulo. 5. ed. São Paulo: Publifolha, 2002.

MARTINS, E. **Manual de redação e estilo de O Estado de São Paulo**. 3. ed. rev. amp. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1997.

MEDINA, C. **Notícia**: um produto à venda. São Paulo: Editora Alfa omega, 1978.

SENRA, S. **O último jornalista**: imagens de cinema. 2. ed. São Paulo: Estação liberdade, 1997.

TASCHNER, G. **Folhas ao vento**: Análise de um conglomerado jornalístico no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo, RS:
Editora Unisinos, 2001.(Série comunicação) .